

Índice

O IMPERADOR DA ALEGRIA

1	13
2	20
3	38
4	60
5	82
6	109
<i>Outono</i>	
7	125
8	144
9	152
10	166
11	176
12	184
13	190
14	218
<i>Inverno</i>	
15	227
16	242
17	261
18	281
19	298
<i>Primavera</i>	
20	313
21	330

22	346
23	367
24	376
25	384
Agradecimentos	403
Notas de Tradução	405

1

A coisa mais difícil no mundo é só viver uma vez.

Mas isto aqui é tão belo, até os fantasmas concordam. De manhã, quando a luz deixa este lugar cor de aveia, eles erguem-se como neblina sobre o canteiro do outro lado da via-férrea e cambaleiam em direção aos pinheiros de copa negra, em busca dos seus nomes: nomes que já não vivem na boca de nenhum vivo. A nossa cidade nasceu de uma faixa de terra ao longo de um rio na Nova Inglaterra. Quando os glaciares pré-históricos derreteram, o vale tornou-se um lago do tamanho do mundo, e, quando este secou, deixou na bacia um fio de água prateado, a que chamaram Connecticut: a palavra algonquina para “longo rio com marés”. O seu sedimento está repleto de toda a espécie de partículas propícias à vida. À medida que se aproximarem, ver-se-ão ladeados por grandes extensões de minúsculos rebentos que despontam, luminosos, na lama de abril. Poucos meses depois, estas plantas estarão transformadas em fileiras compactas de tabaco de folha larga e de milho-doce. A seguir ao cemitério cujas lápides perderam os seus nomes com o tempo, há uma ponte coberta sobre um regato já seco, cuja memória de água nunca chegou a este século. Se a atravessarem, encontram-nos. Virem à direita na Fábrica de Xarope de Ácer Conway, esventrada e fechada, com as janelas partidas e o letreiro de madeira onde se lê a frase ADOÇAMOS ASSIM QUE OS CROCOS ABREM, reduzida entretanto a braille pelo vento. Na primavera, a espuma das flores de cerejeira cobre todos os espaços verdes ainda não ocupados por quintas ou áreas comerciais.

Chegaram até nós graças a séculos e séculos de merda deitada sobre este lugar pelos gansos, sempre que o verão atrai os seus ossos ociosos para o Norte.

Os nossos relvados estão cheios de ambrósia e grama-francesa, e todas as primaveras um deles apresenta um renque de tulipas vermelhas e cor-de-rosa, cujas cabeças espreitam por entre a vedação de arame a que se encostam. O alpendre vizinho está juncado de brinquedos de plástico com rodas, cujas cores primárias se esbateram entretanto em tonalidades pascais: uma carroça, triciclos, um camião de bombeiros. Uma caixa de transporte de leite, com uma pala feita de um pneu velho a tapar a abertura, serve de caixa de correio em cima de um aparador apodrecido, com a indicação *Ramirez* 47 escrita a corretor na borracha. Ao lado está um comedouro de lata para pássaros, com a forma da cabeça de Bill Clinton. As sementes saem-lhe da boca sorridente e derramam-se como aplausos sempre que o vento do comboio de mercadorias sopra a desoras durante a noite. Embora o comboio nunca pare na nossa cidade, o seu apito ouve-se em todas as salas de estar num raio de cinco quilómetros. Na verdade, *nada* pára aqui exceto nós. Hartford, a capital contruída à base de agências de seguros, armas de fogo e equipamento hospitalar, burocracias da morte e da catástrofe, fica a doze minutos apenas de carro pela autoestrada, e toda a gente passa por nós a correr, quer a caminho ou a fugir de lá. Somos a mancha desfocada nas janelas dos vossos comboios e monovolumes, das vossas camionetas, os nossos rostos devastados pelo vento e pela velocidade como quadros rejeitados de Munch. As únicas coisas que partilhamos com a cidade são as ambulâncias, pois estamos suficientemente perto de Hartford para que elas nos venham buscar quando estamos quase mortos ou a falar sozinhos em macas sem ninguém de família. Vivemos nas margens, mas morremos no coração do estado. Pagamos impostos sobre todos os rendimentos para continuarmos nas margens cada vez mais afundadas de um rio que se torna a morgue dos nossos sonhos.

Nas nossas estradas secundárias, os buracos são tão grandes e fundos que, nos dias a seguir a um aguaceiro de verão, os vairões nadam à vontade nas límpidas poças verdes. E, da escuridão de um alpendre com a luz apagada, o riso de alguém atravessa o ar tão depressa que

pode ser confundido com um soluço abafado. Aquele barracão bege, ladeado por varas-de-ouro, é o WWII Club, um bar com três bancos altos e uma máquina automática revestida a madeira, que só vende maços de *Marlboro* e bolos folhados. Do outro lado, há casas geminadas de tijolo. Construídas originalmente para os homens que trabalhavam na fábrica de papel da Jennings Road, acolhem agora veteranos regressados de todos os campos de batalha imagináveis para se sentarem em espreguiçadeiras de plástico, contemplando a cordilheira, antes de se arrastarem de novo para os seus quartos cheios de fumo, onde minitelevisões do tamanho de torsos humanos os embalam até ao sono.

Reparem como as bétulas, ensombradas toda a noite pelos estorninhos, se estilham quando as primeiras centelhas da aurora lhes tocam nos bicos. Como os últimos grilos cantam no meio da neblina que paira sobre as pastagens, agora pungentes do estrume acabado de espalhar. Em agosto, os carris do comboio estão tão quentes que derreteriam as solas de borracha dos vossos sapatos, se andassem sobre eles mais do que um minuto. Apesar deste calor, todas as plantas crescem, como se em compensação do inverno estéril e cauterizado, com o musgo tão luxuriante, entre os dormentes de madeira da via-férrea, que, sob um certo ângulo de uma luz espessa e verdejante, se assemelha a algas, como se o degelo glacial tivesse regressado de súbito, tornando-nos aquilo em que já estávamos a transformar-nos: bíblicos.

Sigam as linhas de comboio até elas se desviarem e mergulharem num caminho de ervas daninhas espezinhas, que vai dar a um ferro-velho repleto de autocarros escolares em diferentes fases de amnésia, alguns tão velhos que já não são amarelos, mas cinzentos, jazendo como navios naufragados. Forrados de hera e com os capôs amolgados cheios de folhas quebradiças, são relíquias da nossa aprendizagem errada. Se atravessarem esta sucata, como alguns fizeram no caminho de regresso a casa depois do turno da noite na fábrica de meias Myers ou num passeio solitário com os seus pensamentos nas tardes de domingo, estão a atravessar gerações inteiras de espírito de aventura consumido entre assentos de pele sintética. Ao fundo do terreno está o animal atropelado há uma semana, com a órbita cheia de *Coca-Cola*, obra de uma

rapariga que, entediada no regresso da escola, deitou a sua bebida nessas trevas finitas de visões cegas.

Se pretenderem ir para Gladness e se perderem, encontram-nos. Pois chamamo-nos East Gladness. A bem dizer, Gladness já não existe, tendo mudado de nome para Millsap há quase um ano, em homenagem a Tony Millsap, o rapaz que voltou da Primeira Guerra Mundial sem membros e se tornou um herói, o que prova que nos podemos perder quase por inteiro neste país e mesmo assim ganhar uma cidade toda. Alguns de nós quisemos ser East Millsap, para absorver um pouco da glória e encher as lojas, mas os restantes foram demasiado orgulhosos para aceitar o nome de um rapaz cuja cadeira de rodas nunca deslizou sobre os nossos passeios.

Prolongando-se por sete meses, o inverno começa no final de setembro, quando o gelo reluz no relvado em frente do tribunal e sobre os capôs dos carros amontoados ao longo das ruas. À medida que os áceres, os choupos e os sassafrases balouçam, a luz cor de âmbar filtra-se por entre as suas folhas prestes a cair. Até o campanário da igreja luterana entaipada passa de um branco-puro a um tom de manteiga velha ao meio-dia.

Embora céticos, não somos ambivalentes em relação à esperança. Apesar de tudo, a nossa artéria principal brilha com os seus dois bares irlandeses, um *snack-bar*, uma florista, o salão de beleza God First, o Panda Gate China Wok, uma espelunca sem nome que serve tacos, uma agência funerária pintada de azul-celeste para compensar a desolação que os seus serviços implicam, uma lavandaria automática cuja entrada das traseiras leva a uma cave com nada mais, nada menos do que três cabinas pornográficas a moedas. Duas portas a seguir, fica a Legião Americana, onde, debaixo de uma lona sacudida pelo vento, todas as sextas-feiras vendem café e fatias de pão de abóbora embrulhadas em película aderente. O gabinete de apoio jurídico a trabalhadores agrícolas migrantes fica atrás da YMCA, que no ano passado converteu finalmente uma das suas alas num ponto para troca de seringas. Há uma enorme casa vitoriana no cruzamento da Lilac com a Main. Morada do nosso primeiro presidente da câmara, é agora uma casa de transição para pessoas saídas da desintoxicação, com a entrada ladeada de rosas

de poliéster azuis e roxas, que sobressaem no meio da neve acumulada após as tempestades.

À esquina, há a clássica vivenda americana de dois andares, pintada apenas até onde o filho mais velho conseguiu chegar e depois abandonada no inverno em que ele se alistou nos Fuzileiros, deixando-a cor de azeitona até metade nos últimos sete anos. No final de julho, instalam um pequeno frigorífico na berma, com uma extensão elétrica até à casa. No seu interior, filas de mirtilos suam dentro de copos de papel verdes, ao lado de uma lata de café com um *post-it* onde se lê: *Mirtilos, 5 dólares. Pague o que puder.*

É uma cidade em que os alunos do liceu, sem nenhum sítio aonde irem nas noites de sexta-feira, estacionam as carrinhas dos padrastos nos recantos escuros do parque do Walmart, bebendo *Smirnoff* em garrafas de *Poland Spring* e ouvindo Weezer e Lil Wayne em altos berros, até que uma noite baixam os olhos, têm um bebé nos braços e percebem que já passaram dos trinta e que o Walmart continua igual, com exceção do logotipo, agora mais colorido, emprestando-lhes um brilho azulado aos rostos devastados pelo tempo. Uma cidade em que os pais, com calças de ganga azuis manchadas de verniz para madeira, se deixam ficar junto aos campos de futebol, a ver os filhos gastarem energia na aurora avermelhada, uma das mãos no bolso, a outra segurando um copo do Dunkin' Donuts. Mais valia serem estátuas, tendo em conta o que significa esperar que um rapaz se desfaça para se tornar um homem. E todas as manhãs a pessoa se sentava nas bancadas polvilhadas de gelo, com um exemplar de *Rumo ao Farol* no colo, a ver os jogadores no campo, os machados azuis a estremecer-lhes nas camisolas, as proteções de plástico a estalar na neblina. E, quando se virava a página, o livro separava-se da capa e esvoaçava pelo campo, enchendo-se de manchas escuras na relva molhada até se emaranhar entre as pernas dos rapazes e se desintegrar sob um par de chuteiras pretas. Desapareciam as palavras. Esse tipo de cidade.

Contra todas as expectativas, temos uma biblioteca. Costumava ser um arsenal que em tempos abrigara um grupo de escravos fugitivos a caminho da Nova Escócia, razão para a estátua de bronze de Sojourner Truth na fonte ao centro, há já três anos sem água. Em frente da estátua